

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

A ORDEM NATURAL DAS COISAS

OBRA COMPLETA
Edição *in varietur*



Livro primeiro

Doces odores, doces mortos

1

Até aos seis anos, Iolanda, não conheci a família da minha mãe nem o odor dos castanheiros que o vento de setembro trazia da Buraca, com as ovelhas e os chibos que galgavam a Calçada na direção do cemitério abandonado, tangidos por um velho de boina e pelas vozes dos mortos. Ainda hoje, meu amor, estendido na cama à espera do efeito do valium, me sucede como nas tardes de verão em que me deitava, à procura de fresco, num bairro de jazigos destroçados: sinto um ornato de sepultura magoar-me a perna, oiço a erva das campas no lençol, vejo os serafins e os Cristos de gesso que me ameaçam com as mãos quebradas; uma mulher de chapéu plantava couves e nabos nas raízes dos ciprestes; os badalos dos cabritos tilintavam na capela sem imagens, reduzida a três paredes calcinadas e a um pedaço de altar com toalhinha submerso em trepadeiras; e eu observava a noite avançar lápide a lápide, coagulando as bênçãos dos santos em manchas de trevas.

Mas ontem, por exemplo, abraçado ao teu corpo enquanto aguardava que a indulgência do remédio me libertasse dos sobressaltos da memória, veio-me à ideia um crepúsculo antigo, em cinquenta ou em cinquenta e um, com os canteiros do jardim regados de fresco, o Senhor Fernando, em camisola interior, a fazer ginástica à varanda,

e um reboiço de gatos no pátio da cozinha, comigo empoleirado no muro a farejar as brisas de Monsanto e a escutar os cavalos dos monárquicos vencidos que baixavam a serra (conforme me contou a Dona Anita que era menina nessa altura) a caminho das celas da Penitenciária.

Não entendo por que motivo, querida, nunca te interessaste pela minha infância: sempre que falo de mim encolhes os ombros, a boca torce-se, as pálpebras prolongam-se de desdém, rugas escarninhas surgem por detrás da franja do cabelo loiro, de modo que acabo por me calar, envergonhado, a colocar os copos, os pratos e os talheres na mesa do almoço, enquanto a tua tia tosse na despensa e o teu pai roda os botões do televisor em busca das estridências da novela. E todavia, Iolanda, logo que adormeces, mal o teu rosto, amolgado na almofada, readquire a inocência do presépio de outrora, tal como te vi, pela primeira vez, na pastelaria à esquina do Liceu, quando os teus dedos sujos de tinta e os teus cadernos escolares me comoveram de uma alegria sem sentido,

logo que adormeces e uma brancura de olmo com pássaros nos atravessa o quarto, arengo sem que me troces, converso, pairando sobre ti, com as tuas palmas inertes e as tuas coxas indefesas, e a casa onde morei antes da família da minha mãe surge da noite, nascida de uma imperfeição do espelho ou da gaveta da cómoda em que a nossa roupa se mistura com ninhos de traças e maçanetas de cobre, desde que há meses me ordenaste Vem e eu me apresentei, com o guarda-chuva e duas malas gastas, neste andarzinho da Quinta do Jacinto, em Alcântara, para explicar que sim, que tinha mais trinta e um anos do que tu mas o emprego do Estado, senhor Oliveira, não é mau de todo, e claro que pagaria a electricidade, a renda e a despesa do talho.

Meu amor, ouve. Talvez me compreendas no teu sono, talvez o teu corpo se liberte da ironia a meu respeito e me queira, talvez as tuas pálpebras, agora doces, estremeçam se disser como gostaria que me mexesses e me deixasses mexer-te, talvez encostes a mim o tufo de pêlos do teu ventre, e os joelhos se abram devagar sobre uma hú-

mida, lisa, tenra maciez de gruta que aprisiona o meu desejo numa firmeza de nácar. Mas desde o verão que me ignoras, apaixonada por um colega de turma de acne aceso e barba a despontar, que nos visita a pretexto de dúvidas de geografia ou matemática e me aperta as falanges, até estalar os ossos, num cumprimento cruel. Reduzido a um vago parente de colete, gravata e farripas grisalhas, incapaz de um pino, incapaz de ler sem óculos, incapaz de correr vinte metros por causa das hesitações do coração, incapaz, em suma, de competir com aquele miúdo borbulhoso, maior do que eu, sem barriga, sem calvície, sem placa, cujos dezoito anos me derrotam, aguardo a noite, numa imobilidade de tarântula, quando o teu corpo, temperado pelo azeite e pelo vinagre do dentífrico e do perfume barato, encolhe a fim de se ajeitar no colchão, quando a cadência do peito se torna sigilosa como a dos barcos, quando os teus lábios, afunilados pelo amuo do sono, sopram um beijo que se me não destina, aguardo a noite, medindo a densidade das trevas pela insónia do teu pai e a bronquite da tua tia do outro lado do tabique, e recomeço a minha história no episódio em que a deixei, regressando, Iolanda, à casa onde vivi antes de conhecer a família da minha mãe, com os seus mil corredores, os seus mil esconsos, os seus mil esconderijos, a casa, a casa,

a casa, meu Deus, cercada de grazinas sobre a falésia e os vapores do oceano, de portadas batidas pelo vento e cortinas em pedaços, com o anúncio Hotel Central em semicírculo na fachada e os três polícias secretos, sempre de negro, de braço erguido na saudação nazi, que bebiam, na salinha de estar, a cevada da manhã.

É então que me lembro dos equinócios que transviavam as arvéloas poisadas na cristaleira, nos enfeites do corrimão e no torpor das sinusites, e no temporal a varrer o larguinho em frente da pensão, com um antiquário às escuras e vitrines de leques espanhóis e de budas remendados, é então que me lembro da garagem do mecânico albino que consertava os automóveis no verão, arrastando-se para a barriga dos motores. Os mochos, Iolanda, esmagavam-se no postigo do meu cubículo, pegado ao compartimento da cozinheira com uma

retrete ao pé da cama e a vazante sempre a ferver no ralo, e a lotação do hotel éramos nós os dois mais a minha madrinha e os três polícias secretos, embora, quando chegava julho, limpassem a praia de detritos, um calor amargo viesse tranquilizar as ondas, e de imediato a cozinheira e a velhota se revezassem no vestíbulo, de crochet no colo, na ilusão de que um táxi milagroso desembarcasse um grupo de americanas transidas, derrotadas pela angústia dos pinheiros e as molas dos estofos.

Se penso, meu amor, na vilazinha da meia dúzia de chalés tomados, sem proprietário, onde as aranhas fiavam o abandono, em equilíbrio sobre as ravinas e o grito das aves, e a comparo com este apartamento de Alcântara junto à passagem de nível do comboio e aos navios do Tejo que nos roçam as fronhas coroados de delfins, as minhas pernas procuram, sem que me dê conta, o côncavo dos teus joelhos, e comprimo o peito contra as tuas costas numa súplica de protecção que me confunde por me parecer ridículo um homem de quarenta e nove anos em busca de auxílio numa rapariguinha de dezoito ocupada a sonhar com arcanjos de motorizada vestidos de blusão de cabedal, acelerando, para a salvar, do velhote inofensivo que sou, atarantado de timidez e de surpresa. E contudo, Iolanda, não julgues que a minha vida numa aldeola da região da Ericeira em que os eucaliptos gotejavam as lágrimas de um desgosto sem cura não era agradável: era agradável. Quando a ciática não a afligia, descarnando-a de sofrimento no colchão, a cozinheira jogava às cartas comigo no quarto da caldeira avariada, enquanto os polícias secretos estremeciam o soalho sobre as nossas cabeças, a combinarem torturas e prisões. Em certas madrugadas de outono o mar e o vento amansavam e distinguia-se uma língua de areia logo povoada de toldos, de cabazes de comida, de pirâmides de chinelos e de famílias em roupão. Mimosas brotavam dos penedos e nos chalés flutuavam as candeias dos habitantes de outrora, até que uma camioneta de carreira arrebanhava os veraneantes que seguiam a chocalhar para Lisboa, à medida que as vagas engoliam a praia, o céu se cerrava em nuvens de tempestade com arestas de gaivotas gritando pelas rochas,

as copas das árvores libertavam cardumes de pintarroxos dementes, e a minha madrinha, indiferente à tempestade, pegava na agulha de crochet e sonhava com americanas extravagantes, vestidas de sandálias e panamá como para uma expedição aos trópicos.

Um comboio abriu a noite perpendicular aos candeeiros da Avenida de Ceuta e paralelo ao rio bordado de armazéns, de pontões, de gruas, de guindastes, de contentores e de veículos de carga, a aguardarem a lúcia-lima da aurora e os operários que caminhavam no sentido do Tejo, custosos de distinguir na hesitação do sol.

O comboio, meu amor, deslocou-se rumo ao Estoril e a Cascais (do sítio onde moramos lobrigo na distância vilas que seguram nos dedos albatrozes e paquetes) e o nosso primeiro andar da Quinta do Jacinto vibrou como se um remoinho de bielas o fendesse de golpe, sacudindo nas prateleiras os ursos de barro e os elefantes de vidro, os palhaços de pano e o Wagner cromado, e fazendo cair, da cómoda para o chão, a caixita esmaltada em que guardas os anéis, as pulseiras, e os brincos de prata fingida que te dou no Natal, se me sobeja algum dinheiro do subsídio do Estado. O comboio deslocou-se para o Estoril enquanto retiniam campainhas e ampolas se acendiam e apagavam, desarrumou os prédios de Alcântara e tu rodaste no teu sono, sem deixar de dormir, até te voltares para mim num gemido infantil. Os tornozelos apertaram-se nos meus, e sem cessar de falar a minha boca aproximou-se traiçoeiramente, furtivamente, cautelosamente da tua: cheirava-te o hálito, cheirava-te o cabelo, cheirava-te o pescoço, cheirava as pregas da cintura, as pregas da barriga, e ia acariciar-te o púbis, sentir a textura de que és feita, quando o gato, assustado pelo frenesim do meu júbilo, pulou da colcha enovelando-se num candeeiro cujo quebra-luz se desfez aclarando por um segundo a mobília do quarto. E de pronto os teus cotovelos se agitaram, o corpo desviou-se rolando as ancas e as espáduas que se desprendiam das alças, e fiquei sozinho a salivar desgostos, embalado pelas carruagens que galopavam para os esgotos, as praias e os barquitos da Linha, embalado, meu amor, pelas vagas do rio, a segurar nas mãos, numa atitude de prece, a ausência de uma nádega.

Na pensão onde morei, querida, antes da família da minha mãe, não existiam gatos: era húmido demais, ventoso demais, cinzento demais, e no quintaleco das traseiras, com o seu nevoeiro, os seus repuxos de caniços e as suas corujas iradas, as ondas que partiam e chegavam abatiam-se nos quartos num torvelinho de espuma. De forma que os gatos, apesar dos esforços da cozinheira para os seduzir com tigelas de safio, desapareciam nos eucaliptos alarmados pela desordem do mar e pelos cadáveres de marujos agarrados a pedaços de leme, que nos fitavam dos armários entre estojos de chapéus.

Não existiam gatos mas possuíamos um corvo de asas aparadas e bamboleio de grumete, o qual lançava avisos de latitudes aos polícias secretos, alvoroçados no pavor de uma manobra errada que jogasse o hotel contra os penedos, cavando um rombo sem concerto por baixo das sacadas. Logo de manhã o corvo mancava na ponte de comando do rés-do-chão, certificando-se da exactidão da rota e da não existência de couraçados inimigos, e foi ele que gritou

— Tudo a bombordo, arreia os escaleres na altura em que, ao inspeccionar o camarote do vestíbulo, deu com a minha madrinha de borco no soalho, a segurar a agulha de crochet.

Claro que ouvi o berro de comodoro, Iolanda, mas no interior do meu sonho como se fizesse parte de uma história em que um rebanho de ninfas me perseguia nas veredas do quintal (as deusas gorduchas, rosadas, de túnica, das oleografiazinhas do corredor, enlaçando-se num bosque e num regato), e mesmo quando a cozinheira me veio chamar à cama, a sua voz, aparentada de início à crepitação dos arbustos, demorou a tornar-se real mediante metamorfoses que o meu tronco parecia acompanhar, alongando-se e apequenando-se num ramalhar de vértebras.

O certo é que ao descer as escadas, incomodado pelas gaiotas que se demoravam nas janelas abertas, escutei o corvo perguntar, desesperado,

— Que é dos coletes de salvação, canudo?

e logo a seguir dei com os polícias secretos que conferenciavam, tomando notas, decididos a fuzilarem o vento ou a prenderem as

nuvens de acordo com instruções que recebiam de ninguém a não ser do murmúrio das árvores ou do estalido das mesas.

Recordo-me, com a nitidez das lembranças infantis, das copas dos pinheiros além das casas do largo, das madressilvas e dos eucaliptos que nos impediam a estrada, e do jipe da Guarda à entrada da pensão, com um soldado de espingarda a fumar lá dentro. No vestíbulo o cabo, que antes do meu nascimento cortejara a cozinheira, e um segundo soldado que eu desconhecia, ambos de polainas e cartucheiras mas de bivaque na mão, observavam a minha madrinha sem se atreverem a mexer-lhe, rezando para que o telefone de manivela funcionasse na ideia de convocarem o doutor de Mafra que volta não volta me segurava no queixo e curava as anginas com uma zaragatoa feroz. O albino rondava na chuva, intrigado, erguendo ao céu as pestanas de bácoro,

e o médico, Iolanda, chegou a seguir ao almoço, a farejar desgraças, de impermeável de borracha e botas de pescador bacalhoeiro, enfeitado por um rastro de papagaios do mar que piavam nas algas. O corvo, mais sossegado apesar dos pinheiros que zuniam na banda oposta às ondas, desandou para as escadas do primeiro andar resmungando cálculos de nónio. O cabo designou a minha madrinha com o mindinho, e o doutor, de sobrolho competente, acocorou-se a examiná-la, a mandar

— Tussa

e a extrair da gabardine um estetoscópio cujos tubos não terminavam nunca, dobrados e redobrados na algibeira infinita.

— Como não tosse é capaz de estar morta

concluiu ele numa voz de reposteiro, à medida que o temporal lhe espalhava as sílabas como soprava as folhas da acácia do quintal, reduzida a uma anatomia de costelas fracturadas pela água, pelo vento e pelos pombos que se crucificavam nos galhos. A cozinheira coçava a pálpebra com o ângulo do avental, o cabo perfilou-se em sinal de respeito. O soldado, espalmado na parede, arregalava para a defunta a dentadura postiça: ele e eu devíamos ser os únicos na pensão que nunca tinham visto um cadáver, e o segundo que pude

observar, decorridos muitos anos, foi o de um agulheiro que se abraçou ao comboio em que eu viajava em serviço, com um colega, no ramal da Beira Baixa. Recordo-me, meu amor, do suicida no cascalho das travessas e de me espantar com o seu rosto intacto e a paz e compostura das feições: presumo que foi a partir dessa data que cessei de ter medo das gripes.

Levanto-me da cama, subo um bocadinho os estores e as luzes de Alcântara prolongam-se até às docas e ao Tejo semeado de canoas, à cata de peixe na babugem. Neste momento da noite, equidistante do poente e da aurora, não há trânsito na praceta e os semáforos mudam do encarnado para o verde comandando sombras. A neblina de março transfigura os edifícios, impregnando-os da majestade que não possuem de dia, e se penso nisso, Iolanda, a mudez do quarto assusta-me de receios que compreendo mal, semelhantes ao medo com que escutei o médico de Mafra, guardando o estetoscópio imenso, esclarecer a desconfiança do cabo:

— É canja, amigo, se não me obedece pifou, como buracos de tiros não há avisa-se o abade da Ericeira e pronto.

De modo, meu amor, que nessa mesma tarde ou na outra ou na outra (a partir dos quarenta sinto dificuldade com os rins e com as datas), enquanto uma trovoada de fim do mundo se despenhava na vila e a chuva fazia ruir um pedaço de cerca, me cavaram um risco no cabelo, me colocaram uma gravata preta e me transportaram para a igreja no jipe da Guarda, ao longo de um trajecto de pesadelo em que os relâmpagos encandeavam cedros e nogueiras, pássaros de arribação a soluçarem em madeixas de vime, cães aterrorizados pelos trovões, de grandes bocas peludas, que se escapavam a ganir por veredas e charcos de lama. Casas de emigrante surgiam a rodopiar e afundavam-se na terra. Não voltei à Ericeira mas como em Portugal, tirando eu que envelheço, tudo estagna e se suspende no tempo, presumo que nada se alterou desde então: Alcântara, por exemplo, durará mil anos como a vejo agora, às três da manhã no meu relógio de pulso: um bairro com oficinas e garagens que se multiplicam nos baldios, e a desordem da enchente com a sua aspereza e a sua res-

sonância de túnel, caminhando pelo alcatrão até à soleira da porta.

E tal como aqui, em Alcântara, neste instante da noite, enquanto tu, o teu pai e a tua tia dormem nas maltratadas camas dos pobres, tal como aqui, Iolanda, me vem à cabeça o mau gosto dos objectos da sala e os arquipélagos de humidade da parede, também, à medida que espero outro comboio que rebole para o Estoril ou para o Cais do Sodré, me recordo dos crepes da igreja num cabeço de moitas e de macieiras que resistiam à nortada, dos painéis de santos da casa mortuária, e de uma falha de tijolos pela qual entrava o mar de inverno e se percebiam as chaminés da Ericeira lançando-se em tumulto para a água. Havia um Jesus de cobre dependurado da cruz como um pingo de um rebordo de torneira, restos de panejamentos em arrebiques de talha, um melro que descansava da chuva numa viga, os polícias secretos num banquinho corrido, e um sacristão a piscar para nós os olhos de tucano. Provavelmente, agora que ninguém morava na pensão, dezenas de táxis vinham de Sintra de faróis acesos no desalinho dos pinheiros, para entornarem no hotel grupos de americanas centenárias que tiritavam, nos vestidos decotados, sob uma temperatura polar. Os quartos inundavam-se de malas e baús, um lodo fétido pulsava nos bidés, bengalas tropeçavam, para baixo e para cima, nas escadas, saltavam fechos num guinchozinho de óxido, alguém consertara a caldeira da cave que trabalhava num torpor duodenal, martela das enérgicas destruíam o piso superior, e o corvo, a quem o ruído incomodava, grasnava palavrões náuticos nos ladrilhos da cozinha. Talvez a vazante descobrisse uma faixa a correr entre penedos, talvez uma luz torta animasse os chorões e os vasos de magnólias, talvez existissem navios no horizonte, petroleiros, corvetas, naus deslizando para a Rua Oito da Quinta do Jacinto. Sentado num tronozinho manco, sem entender o que se passava à roda porque até aos oito anos o mundo me poupava os seus mistérios, nem dei por uma senhora que ao fim do dia me levaria consigo depois de empacotar a minha roupa, com o auxílio da cozinheira, num saco de marujo furtado ao lixo da cave.

Baixo o estore ao mesmo tempo que o comboio se aproxima e os

painéis publicitários, os buxos, os candeeiros e as lanternas do rio começam a vibrar e o quarto se adelgaça sobre escuridões sem esperança, alcanço a cama, de pezinhos cautelosos, para não me aleijar numa esquina de móvel, e ao deitar-me ao teu lado o espaldar desajusta-se, o colchão amolece e o teu corpo suspira em arrulhos de cedro. É a altura, Iolanda, em que me permito dizer que te amo, em que me atrevo a acariciar o arco de um ombro, em que avanço a boca na mira de sentir no vértice da língua o gosto de pena dos cabelos. O comprimido de valium murchou-me os gestos e embaciou-me as ideias sem me paralisar a memória, é abril e estou a inclinar-me para ti na pastelaria onde te encontrei pela primeira vez, com duas colegas todas risinhos e cochichos, a mastigarem pastilhas elásticas diante de batidos de morango, e perguntei se não te importavas que me acomodasse à tua mesa com o chá de limão dos constipados. E ali fiquei uma hora, perturbado e ansioso, enquanto vocês se mostravam fotografias de actores, discutiam namorados e vernizes para as unhas, e protestavam contra o teste de filosofia da véspera, interessadíssimas num homem moreno, de mechas encaracoladas, bigode e sapatos pontudos, que bebia um café ao balcão a folhear um jornal desportivo.

2

Palavra de honra que não sei nada, que mania a sua, isto é, espere aí, não se vá embora, sempre pode ser que me lembre de qualquer coisita se o amigo escritor entrar com uma ajudinha para a renda do quarto, um cubículo piolhoso, caro como tudo, numa Residencial

de pequenas da Praça da Alegria onde não me deixam dormir com os bofetões dos chulos e as gargalhadas dos deboches, e isto, senhor, até às cinco e seis da manhã quando as árvores começam a desemaranhar-se e os pombos descem da Mãe-d'Água a disputarem, nos canteiros, as últimas sobras ao fastio dos mendigos. De dia vejo os pombos da janela, pombos, desocupados e paráliticos a refogarem as misérias ao sol, e à noite assisto ao fadário das miúdas, coitadas, para um lado e para o outro lá em baixo na Avenida, entre duas infecções nos ovários e um aborto na parteira de Loures, numa cave, a cheirar a peixe grelhado, com pagelas de santinhas e uma velhota a gemer a um canto. O amigo escritor não acredita? A seguir à revolução, olhe, para não ir mais longe, depois de a tropa me prender em Caxias uma data de meses, sem motivo nenhum, na ala mesmo em frente ao mar, diante das gaivotas e do resplendor do crepúsculo, regresssei ao meu rés-do-chão alugado em Odivelas, porta com porta com uma enfermeira que tecia anjinhos às raparigas da vida na saleta de estar, ao lado da mesa posta e da poltrona de inválida em que a mãe cabeceava, de rádio de pilhas apertado no ouvido. Que tal? O problema foi que com a invasão dos comunistas a mulher e a doente levaram sumiço do bairro, parece que para continuarem o ofício em Paris, nos bairros de emigrantes pretos, árabes, espanhóis, jugoslavos, portugueses, infelizes que passam os domingos sentados em calhaus a impregnarem-se da cinzenta do céu, de modo que havia centenas de grávidas que esperavam no vestíbulo em equilíbrio de cegonha sobre os saltos altíssimos, mirando-se umas às outras com as pálpebras lamacentas da insónia. Um polícia tangeu-as com o cassetete, como aos perus do Natal, rumo à paragem do autocarro de Lisboa, e as pobrezitas lá se aquietaram sem protestos no choco dos bancos, a colarem aos vidros os rostos de aguarela. Quanto a mim aguentei-me uns tempos em Odivelas, mirando o quartel dos bombeiros por detrás das cortinas, sem emprego, sem Caixa, sem reforma, a deixar crescer o bigode para me não reconhecerem pelas fotografias dos jornais, até que o senhorio apareceu a apelar-me de fascista, me confiscou os móveis e os folhetos do curso de hipnotis-

mo por correspondência por conta dos pagamentos em atraso, e me empurrou aos encontrões para a saída. O do segundo esquerdo, que mariscava comigo na cervejaria e me passava informações grá-tis, desatou-me aos insultos e aos pontapés nas canelas que mesmo hoje trago aqui as cicatrizes, um desconhecido abeirou-se de mim e escarrou-me na cara, desenhavam-se foices e martelos nas paredes, farrapos de cartazes desprendiam-se dos muros, operários de punho fechado berravam Abaixo a ditadura viva o socialismo, e eu pensei Estou frito, não tarda nada os russos enfiam-me num comboio e enjaulam-me na Sibéria, a tiritar numa casita de madeira. Vai daí fui-me a um benemérito que falsificava atestados médicos e livretes de automóvel e mudei o nome do bilhete de identidade com o último dinheiro que tinha, arranjei um par de óculos escuros como os dos ceguinhos dos acordeões, cessei de rapar as bochechas com a nava-lha e consegui, através de um maganão de suspensórios, o esconso de prostituta da Praça da Alegria onde moro, com a sua cama lodosa e o permanganato a um canto, e eu lá dentro atormentado pelas rolas que nem na pia ao fim do corredor me largam, a pia de que se ser-vem todos os quartos do meu andar e todas as raparigas e todos os clientes desses quartos, com as rolas a cantarem de papo no beiral, a espreitarem os caixilhos, a catarem as penas, rolas dos quintais vi-zinhos, rolas de Alcântara ou de Cheias, rolas de Almada, rolas dos armazéns abandonados, dos cascos podres e dos palácios do Tejo, rolas vagabundas, rolas sem casa, rolas ciganas, rolas, amigo escritor, a rirem-se para a gente e a mangarem de nós no peitoril estreitinho, rolas diferentes destas do Campo de Santana, gordas, solenes, dig-nas, patriarcais, penduradas nos algerozes, no bico dos telhados ou nos ramos mais altos das árvores, rolas e patos, senhor, e o grito dos pavões no agonizar do dia, sem contar o alcatruz das ambulâncias a caminho da constelação de hospitais aqui à volta, Hospital de São José, Hospital dos Capuchos, Hospital de Arroios, Hospital de Santa Marta, Hospital da Estefânia, e os doidos do Miguel Bombarda, enfeitados de condecorações, que se passeiam pelos canteiros e pe-dem cigarros nos semáforos, doidos e vagabundos embrulhados em

jornais contra a cacimba da aurora, sem contar o amigo escritor e eu a observarmos isto, cada qual com o seu refrigerante e o seu pires de tremoços, num restaurante ao pé da Faculdade de Medicina, prédio de colunas que imagino povoado de cadáveres retalhados por estudantes de bata.

Nunca pensou nisso? Nunca se imaginou nu, a cheirar a formol, deitado de barriga para cima numa tina de mármore à espera que lhe rebentem as costelas com uma tesoura enorme? Desde que a democracia me fez perder o emprego de chefe de brigada na Direcção Geral de Segurança e passei a comer a sopa do prior do Beato, desde que os comunistas cercaram o edifício da Rua António Maria Cardoso, na manhã a seguir ao golpe, e nós, trancados no prédio, queimávamos papéis, espreitávamos das persianas e trotávamos ao acaso, de pistola em punho, ignorando o que fazer, que sei que um dia destes dois bombeiros me hão-de levar pelo corredor da Residencial, entrouxado num lençol, acompanhado pela consternação das pequenas em soutien e calcinhas, hão-de descer comigo numa padiola de lona, e hão-de entornar-me por fim numa mesa de pedra, entre mais mesas de pedra com corpos macerados, enquanto sujeitos de avental de borracha se ocupam a esfacelar, com serrotes e pinças, um ventre de criança. Há ocasiões em que sonho com isto até as rolas me acordarem, em que oiço os alicates triturarem-me os ossos e farejo o vapor brando das minhas vísceras expostas, ocasiões, amigo escritor, em que me cosem a barriga e o peito com linha de ensacar e desperto em sobressalto, aos gritos, de pé no meio do quarto, e demoro séculos a compreender que estou vivo, que respiro, que posso, se quiser, vir para esta esplanada no Campo de Santana, mirando os doidos que discursam para os cisnes da tarde. Esta conversa de defuntos não lhe dá sede? Não, cerveja não, não bebo álcool nem fumo, peça-me antes uma água sem gás e uma sandes de queijo que as recordações doem e tenho um aperto do camandro na garganta.

Porém, indo direito ao que lhe importa a si, acho que um chequezinho de vinte contos de réis me ajuda a memória porque aquilo que se passou há tantos anos é difícil de lembrar, e ainda mais se tenho o